

## 6 Conclusão

A utilização de dois romances de Carlos Sussekind em uma investigação sobre estratégias narrativas não foi somente produtiva, foi também prazerosa. Os desafios apresentados foram, em alguns momentos, como esfinges propondo uma decifração, ao preço de franquear-me a entrada no universo ficcional do autor ou atirar-me a um destino fatídico. A primeira impressão foi a de estar perdido em um imenso labirinto textual, sem fio de Ariadne para me conduzir à saída. Ao fim de algum tempo, familiarizei-me com o labirinto, e sair não era mais um desejo imperioso.

Em *Armadilha para Lamartine* reconheci o jogo das falsas atribuições, a produção de uma aparência que esconde a essência, de uma de forma não perversa, mas de maneira explícita... tão explícita a ponto de não ser notada. As narrativas de pai e filho, justapostas, espelhando-se e transfigurando-se mutuamente, exigem do leitor uma tomada de posição. Evitar o maniqueísmo foi talvez o maior desafio da análise. Em *Que pensam vocês que ele fez*, o labirinto era apenas um artifício para ocultar um procedimento narrativo já internalizado pelo leitor. Sua fragmentação e aleatoriedade são camadas de um verniz pós-moderno sobre uma tradição narrativa e remetem à Sherazade e à importância de contar histórias. Em comum nos dois romances, o diário de Espártaco M. A leitura do diário fictício, com a consciência de ter sido ele construído a partir da escrita íntima de uma pessoa real, inspirou uma outra investigação e dela foi traçado um esboço.

A alusão a uma narrativa filmica iniciou as reflexões que ora se encerram. No filme, o sonho precede a realidade. Nos dois romances de Sussekind, arrisco dizer, a ficção molda a realidade. Os diários de Espártaco M. textualizaram a vida familiar com ambições objetivas. Nas tentativas literárias de Lamartine, a vida foi reescrita com linhas tortas. E a sinuosidade das linhas do personagem contribuiu para a invenção de um autor chamado Carlos Sussekind.